

Monumentos e Museus: uma ação mediadora para recordar

Alba Cristina Couto dos Santos¹

Resumo: A recordação necessita de mediação, e a própria rememoração configura como mediadora entre o passado, o presente e o futuro caracterizando os sujeitos que a personificam, sobretudo, através de imagens, objetos e lugares. Para José Tedesco (2011), ela é importante enquanto responder aos interesses dos indivíduos e/ou grupos. Este texto busca enfatizar a regulação e gerenciamento da visibilidade de um determinado grupo social. A partir dos líderes do cooperativismo de crédito e do associativismo de Nova Petrópolis /RS que possuem como base fundadora, o líder religioso Theodor Amstad, identificou-se rememorações sistemáticas do líder fundador desde 1942, até os dias atuais, caracterizando os lugares de memória, como um forte poder simbólico. A memória destes lugares é capaz de criar um ambiente de familiaridade, empatia, afetividade, e por consequência, referenciais de identidade. O recordar do importante imigrante suíço tornou-se institucionalizada pelos “notáveis da memória”, ou seja, aqueles que dimensionam políticas de memória.

A proposta deste texto vem ao encontro do trabalho já realizado sobre a memória coletiva em torno do personagem Theodor Amstad, a partir das instituições fundadas por ele no início do século XX, SICREDI Pioneira e Associação Theodor Amstad². Nas páginas a seguir, procuro abordar outro olhar sobre estas recordações, o de gerenciamento destas memórias pelas instituições, família, igreja, poder público e as próprias associações que levam sua marca.

Após a morte de Theodor Amstad, no ano de 1938, iniciou-se um processo de rememoração em sua homenagem, a partir do ano de 1942. Alguns líderes das caixas rurais, tipo *Raiffeisen*³, resolveram homenagear Amstad com a construção de um monumento na

¹ Rede Municipal de Ensino /Sapucaia do Sul. Mestre em História Iberoamericana / PUCRS – CNPq.

² Estas instituições eram conhecidas como Caixas Rurais, tipo “Raiffeisen” e Sociedade União Popular, respectivamente. Consiste em cooperativa de crédito e associação comunitária, a fim de amenizar a dificuldade econômica das colônias alemãs no final do século XIX, início do XX, na região do Vale do Caí e Sinos.

³ A grande crise da Europa nos anos de 1846 e 1847 atingiu a comarca de Weyerbusch. Para enfrentar a situação, Raiffeisen criou o Clube do Pão. Conseguiu o empréstimo necessário para comprar farinha dos estoques do governo. Cada um dos sócios empenhou a sua propriedade. Surgiu então uma padaria comunitária que confeccionava pão a baixo preço. A ideia foi imitada rapidamente. E de crise em crise, a iniciativa foi-se aperfeiçoando, até se institucionalizar como uma cooperativa de crédito. [...]. Fiéis ao lema de seu idealizador “um por todos, todos por um”, as Caixas congregaram-se, em 1887, na Associação Geral das Cooperativas Alemãs Raiffeisen (RAMBO, 2000, p. 19).

Linha Imperial, bairro localizado na cidade de Nova Petrópolis, lugar onde aconteceram as primeiras reuniões para a criação da primeira cooperativa de crédito da América Latina, e também, onde residiu por mais tempo “o santo padre”, “pai dos colonos”, Amstad.

A inauguração do monumento contemplava a realização do 22º Congresso Católico, para este evento, era aguardada cerca de cinco mil pessoas na cidade. Além disso, neste momento, também se comemorava o 40º aniversário da Caixa Rural de Nova Petrópolis. O monumento foi instalado em frente à igreja, onde Amstad exerceu seu sacerdócio, como pároco da comunidade, relembrando o iniciador do cooperativismo de Crédito. A praça em frente a igreja recebeu o nome do padre e foi eleita como um lugar para lembrar e reavivar a imagem Amstad.

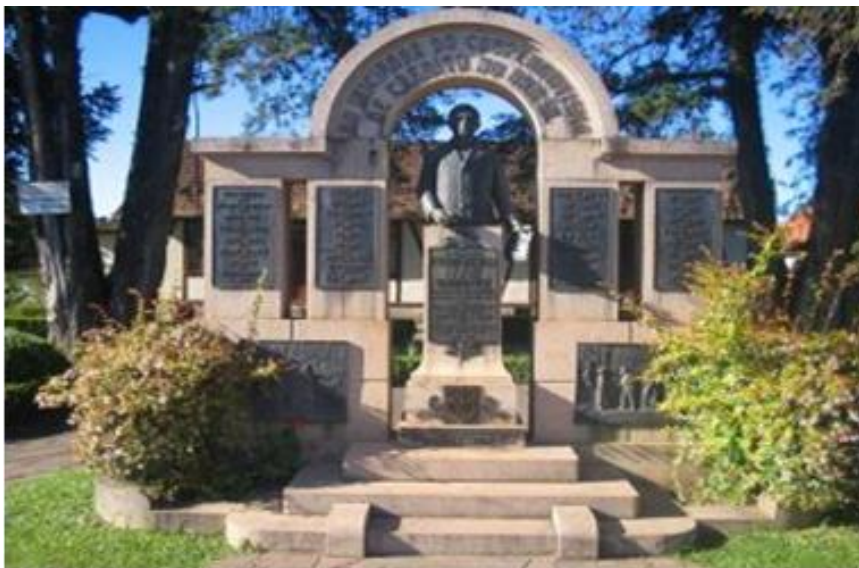
Tedesco (2011) destaca a importância dos lugares de memória como um forte poder simbólico de criar um ambiente de familiaridade, empatia e afetividade, e por consequência, referenciais de identidade. A memória é o resultado de um trabalho permanente no decorrer do tempo, no qual seus conteúdos são revistos, conservados ou abandonados pelos grupos.



Fotografia da Comemoração do 40º aniversário da Caixa Rural de Crédito de Nova Petrópolis e inauguração do Monumento ao iniciador do cooperativismo de crédito no Brasil. Ano: 1942. Acervo: ADOPE UNISINOS. Fundo Balduino Rambo. São Leopoldo/ RS.

O monumento em memória a Amstad é constituído por um busto do homenageado em bronze, e placas no seu entorno, formando um conjunto de imagem e texto. Nestas placas, estão inscritas os nomes das cidades e das caixas rurais que participaram da homenagem. Com um olhar mais atento sobre elas, parece ver-se o intuito pedagógico como a própria arte da Igreja. Elas mostram os caminhos percorridos por Amstad levando a ideologia do

cooperativismo às famílias, e a Palavra do Evangelho. Duas delas são imagens que contam uma história. Na primeira figura, está Amstad e sua mula inseparável, na outra, “o pequeno padre” sendo acolhido no seio familiar. Nas outras no entorno do busto, consta o nome das cidades com suas respectivas caixas rurais.



Monumento ao Iniciador do Cooperativismo de Crédito no Brasil.
Ano: 2012. Local: Linha Imperial, Nova Petrópolis /RS



O acolhimento da família.
Fonte: Fotografia da autora do texto (2011).



Amstad viajando na mula
Fonte: Fotografia da autora do texto (2011).

Percebem-se nas placas com imagens uma ordem para serem lidas, da esquerda para direita, induzindo o olhar para a informação nelas contida. Um jogo visual ligado ao esquema de leitura do ocidente. A placa central do monumento, abaixo do busto, informa o motivo pelo qual foi erguido. Logo abaixo desta placa, encontra-se o acróstico da Sociedade União Popular, conhecida atualmente como Associação Theodor Amstad, a qual abrigava como sede a central das caixas rurais em Porto Alegre.

Fernando Catroga (2009) refere-se à imagem como substituta da memória que eterniza, sacraliza o que não se quer esquecer. Em relação à recordação do vivido, os eventos, as comemorações funcionam como uma manutenção da memória. A memória passa a ser entendida como memória-monumento centrada em suscitações e evocações numa lógica própria para o evento ou aquilo que não se quer deixar esquecido ou do que já está esquecido. Mas o que lembrar? Para Nora (1993), os lugares de memória são construídos a partir de uma necessidade, portanto, não são gerados espontaneamente, seleciona-se eventos para se contar uma história. Por isso, se faz necessário manter-se datas e organizar celebrações com o propósito de não caírem no esquecimento. Além disso, estas lembranças evocam pistas de reconhecimento a um grupo, bem como sentido de pertença, elencando diferenciações significativas, numa sociedade que se inclina a reconhecer indivíduos iguais.

A memória coletiva confere uma identidade étnica, cultural ou religiosa a uma dada identidade coletiva. Os grupos precisam lembrar e relembrar, ritualizar para se reproduzir identitariamente com sentimento de pertença. Dada a sua amplitude, pode ser reconstruída a

partir das exigências dos grupos sociais ativos: ela é dinâmica e conflituosa, produtora e produto de tempos sociais e de fatos históricos. Há interesses políticos envolvidos, afinal o que lembrar? O que armazenar para posteridade? A conservação ritualística legitima e amplia a identificação do grupo.

Outras datas também foram lembradas com a construção de monumentos e placas alusivas. A famosa frase proferida por Amstad sobre a pedra no caminho tomou corpo na imagem de uma pedra enorme na Linha Imperial em Nova Petrópolis. A própria pedra se configura como um monumento e um lugar de reflexão do passado. Ela foi colocada no ano de 1977 em comemoração aos 75 anos da cooperativa, junto a pinheiros que são reconhecidos internacionalmente como símbolo do cooperativismo, reconhecido pela sua capacidade de sobrevivência em terras não tão boas e pela facilidade de multiplicar-se. Está localizada em frente à escola estadual, que leva o nome de Padre Theodor Amstad, e do Museu Padre Amstad, que foi constituído na casa da primeira sede própria das caixas rurais da cidade, e que funcionou como tal entre os anos de 1953 e 1967. Em 1967, o prédio foi leiloadado, para que fosse possível a mudança da instituição para o centro da cidade. Em maio de 2012, a SICREDI Pioneira comprou novamente o prédio, incluindo-o no roteiro turístico da cidade e, preservando sua história através da constituição do Museu Padre Amstad, composto por uma galeria de fotos dos ex- dirigentes e objetos antigos da própria cooperativa. Na pedra-monumento há placas com inscrições de homenagens. A primeira refere-se ao aniversário de 75 anos, no ano de 1977, da Caixa Rural, chamada naquele período de COOPERURAL homenageando todos os fundadores da mesma. A outra placa diz respeito ao padre Theodor Amstad homenageando seu centenário de vinda ao Brasil colocada em 1986.



A pedra símbolo do cooperativismo. Local: Linha Imperial, Nova Petrópolis /RS.
Fonte: Fotografia da autora do texto (2012)

Tudo isto se encontra na Linha Imperial, constituindo uma visualidade sobre o imigrante suíço idealizador e, das próprias associações, sobretudo da SICREDI Pioneira. Mas, o Museu Padre Amstad não foi o primeiro da cidade, em 1988 foi inaugurado o Museu da Caixa Rural, localizado no Parque Aldeia do Imigrante, no centro de Nova Petrópolis, e conta uma história mais singular da cooperativa. Neste mesmo ano, os restos mortais de Amstad foram transladados para a base da igreja São Lourenço Mártir, na ocasião dos 50 anos de seu falecimento, em 1988. A mobilização de líderes cooperativos e o aceite dos jesuítas ao traslado configurou mais uma data de comemoração e homenagem ao padre Amstad. Erguia-se ali, mais um monumento, pequeno e discreto, mas cumprindo sua missão, do recordar.

As diferentes formas de representação imagéticas dos mortos, ou seja, escultura, pintura, fotografias e, monumentos estão ligados à preservação da memória do morto, suprimindo a ausência através de sua materialidade, mesmo em seus diferentes usos e funções. Esta memória e os eventos que a compõem podem ser identificados como uma dominação simbólica. A memória coletiva não se apóia somente na adesão afetiva, mas também na continuidade e na estabilidade através da institucionalização das lembranças: monumentos, datas, personagens, tradições, costumes, etc. Neste caso, dada a importância dos laços afetivos da comunidade para com seu coirmão imigrante e importante liderança do início do século XX, o domínio pode não existir, mas sim, um gerenciamento institucionalizado destas memórias por parte de líderes políticos /partidários que elegeram um determinado grupo para isto, ou da própria comunidade. Como diz Lowenthal (1998), não retornamos ao passado como máquinas do tempo para ver o que se passou, e, portanto, a memória não preserva o passado intacto, mas o refaz adaptando para enriquecer e dar significados no presente, e, quem sabe, manipular este tempo presente. O tempo presente está constantemente reformulando o passado.

É neste mesmo tempo presente que a dimensão política da memória emerge com as práticas comemorativas e rituais procurando construir uma identidade e apropriação. A memória torna-se um elemento mediador do campo político, “e pode estar no interior de um campo de batalha pela significação dos tempos, dos fatos e dos sujeitos que desejam se centralizar” (SARLO, 2007, apud TEDESCO, 2011, p. 39). Tedesco (2011) chama de “notáveis da memória” aqueles que dimensionam políticas de memória dando visibilidade acadêmica ou midiática aos objetos do passado, lugares, fatos e arquivos. Os notáveis podem ser tanto o poder público, elegendo um grupo para tanto, ou instituições como família, igrejas,

partidos políticos, sindicatos, associações, etc. Ambos os casos podem deliberar realidades reguladoras e impositivas de lembranças.

As instituições, na ânsia de buscar seu passado, podem ser mediadoras na medida em que mobilizam trabalhos, comemorações, na pressão por lembrança e reconhecimento. A memória torna-se um instrumento bastante flexível e útil nas mãos de agentes sociais, servindo como lucro simbólico e estratégico de representação e visibilidade cultural, étnica e religiosa de um determinado grupo. Desta forma as instituições ou o poder público demonstram a arte de gerenciar, de atribuir o que, como e quando lembrar sobre o passado, ordenam os tempos, lhes dando sentidos com novas edificações, monumentos, praças, nomes de rua, etc. “Atualmente o campo da política, dos gestores da sociedade, dos grupos hegemônicos, em geral associado às esferas da grande mídia, da indústria do turismo, encarrega-se de dar a versão do passado que melhor lhes convenha, lhes agrade e lhes traga benefícios econômicos” (TEDESCO, 2011, p. 43).

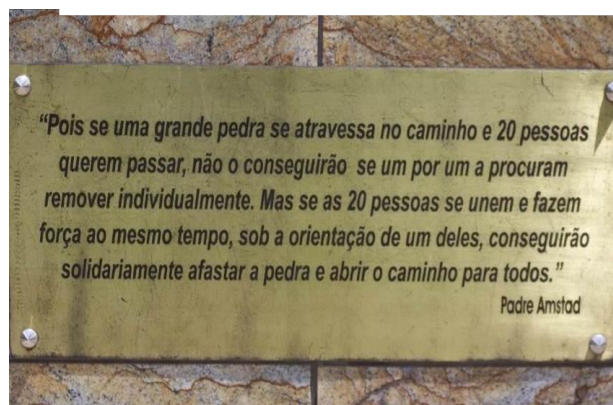
Os patrimônios também passam, geralmente, por disputas políticas, demonstram o desejo de preservação e dão sentido cultural, pois manifestam as formas de ver, sentir e estar no mundo dos grupos envolvidos. “O patrimônio utiliza fragmentos da história, resumos e traços; são manifestações de orgulho do passado, ou temor de repetição no presente, fatos negativos desse passado (como antiorgulho), herança que atesta valores em tempos outros” (POULOT, 1998, apud TEDESCO, 2011, p. 44). No entanto, na gestão da memória, toda tentativa de lembrar implica uma estratégia de esquecer. Neste caso, um esquecimento desejado e regulador do poder.

A cidade de Nova Petrópolis passou a sediar na atualidade mais um monumento referente ao tema do cooperativismo. No dia 28 de dezembro de 2002, a sociedade presenciou a inauguração do monumento *Força Cooperativa*, no centro da cidade, na Praça das Flores. Com o intuito de comemorar os 100 anos da Cooperativa de Crédito Pioneira, voltaram-se os olhares da sociedade e do poder público para o evento. A SICREDI Pioneira recebeu homenagens da Associação Cooperativa Internacional, da Associação Cooperativa Internacional das Américas, da municipalidade e da mais recente entidade fundada na cidade, a Casa Cooperativa.



Monumento “Força Cooperativa”. Local: Praça das Flores. Centro de Nova Petrópolis, Ano: 2002.
Material: bronze. Autor: Nakle. Fonte: Fotografia da autora do texto (2012)

Os eventos festivos são norteados pela emoção, seja da saudade, ou do comemorar, em geral estão imbuídos de simbologia que manifestam a coexistência temporal e espacial de valores, ideias, do desejo da permanência. Estes eventos, sobretudo aqueles relacionados com memórias de família e de grupos étnicos, possuem uma narrativa, uma poética.



Homenagem da Prefeitura de Nova Petrópolis e Placa alusiva ao discurso de Amstad.
Monumento: “Força Cooperativa”

Tedesco (2011) afirma que é nos momentos festivos que estes grupos familiares e étnicos procuram localizar no tempo e no espaço raízes e ações desvalorizadas no tempo, tanto no presente como no passado, como, por exemplo, o parentesco, a consanguinidade, a centralidade religiosa da vida nas colônias, etc. “A lembrança ritualizada, nesse sentido,

recoloca a esperança na capacidade de recuperar alguma coisa que se possuía, um tempo que se esqueceu” (p. 182).

“Os notáveis da memória”, que neste caso, seriam os próprios líderes associativos e cooperados, fazem a manutenção destas lembranças para os grupos envolvidos e, talvez a imposição destas memórias a toda comunidade neopetropolitana. Acreditamos que a questão étnica reforça o sentido de pertença, contudo, tanto a memória familiar quanto a étnica possuem significados integrativos, e, por isso, configuram uma memória coletiva institucionalizada.

Este conjunto de monumentos e museus, concentrados, em sua maioria, na Linha Imperial, exerce um poder político e simbólico no que diz respeito a quem lembrar e para quem lembrar, assim como o direito de ter lugares de memória. Estas ações, ao mesmo tempo, que identificam, legitimam o grupo frente aos outros. O apoio da municipalidade reforça a diferenciação e reafirma a identidade cultural, não só entre os grupos envolvidos, mas entre localidades, fazendo inclusive uso destes elementos na visibilidade da cidade.

Referências bibliográficas

- DEBRAY, Régis. **Vida y muerte de la imagen**. Historia de la mirada en occidente. Barcelona. Paidós, 1992, p. 19-63.
- CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo**. Memória e fim do fim da história. Coimbra: Almedina. 2009.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.
- IMAGEM. **Comemoração do Centenário de Amstad**. Cemitério Jesuíta, São Leopoldo. Fundo Balduíno Rambo S. J. Variados. Acervo de Documentação e Pesquisa – Memorial Jesuítico / UNISINOS, ALR 23, cód. 1.4.1.8. São Leopoldo
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. São Paulo, vol. 17, p. 63-201, nov/1998.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 23, n. 45, jul/ 2003. Disponível em: < www.scielo.com.br >. Acesso em 27 jun.2011.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução KHOURY, Yara Aun. **Projeto História**. São Paulo, vol. 10, p. 7-28, dez de 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RAMBO, Arhur Blásio. **Somando forças: o projeto social dos jesuítas do sul do Brasil**. São Leopoldo, RS: Ed: UNISINOS, 2011.

- SANTOS, Alba Cristina Couto dos. **As marcas de Theodor Amstad no cooperativismo e no associativismo gaúcho: As lembranças da Associação Theodor Amstad e da SICREDI Pioneira**. PUCRS, 2013. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.
- SCHALLENBERGER, Erneldo. **Associativismo cristão e desenvolvimento comunitário – imigração e produção social do espaço colonial no Sul do Brasil**. Cascavel: Edunioeste, 2009, cap. 1.
- SCHMITT, Jean-Claude. O historiador e as imagens. In: SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**. Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média. Tradução: José Rivair Macedo. Bauru: EDUSC, 2007, p. 25-54.
- SOARES, Miguel Augusto Pinto. **Representações da morte: Fotografia e memória**. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces**. Introdução a uma análise sócio-histórica da memória. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo. Xanxerê: Ed. Universidade do Oeste de Santa Catarina. Porto Alegre: Suliani, Letra & Vida, 2011.
- _____. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.